Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa".

Leonardo Monteiro Monasterio[1]

Resumo:

Este trabalho tem como tema a teoria da conduta na forma proposta por Thorstein Veblen. Visando esse objetivo, apresentam-se as críticas do autor à teoria neoclássica, as suas contribuições para uma nova abordagem das ações humanas, e as relações desta com os elementos hermenêuticos de sua obra. Em seguida, debate-se os pontos de contato e as divergência entre a teoria vebleniana e o irracionalismo psicológico. Por fim, argumenta-se que a retomada de alguns pontos da visão de Veblen sobre o comportamento humano poderiam ser proveitosos para a teoria econômica hodierna.

1. INTRODUÇÃO

Neste ano, a publicação de "A Teoria da Classe Ociosa" (ATCO) completa um século. O sucesso editorial foi imediato e seu autor, Thorstein Veblen, que até então não passava de um professor excêntrico, obscuro e impopular da recém-fundada Universidade de Chicago, tornou-se uma celebridade no meios acadêmicos norte-americanos. A partir do pós-guerra sua fama esmoreceu, todavia o vigor intelectual e a atualidade da sua maior obra persistem.

Em uma leitura desatenta, a ATCO parece ser apenas uma sátira aos costumes das classes altas. Veblen ridiculariza o jogo, a religião, a moda e até os animais domésticos das classes abastadas de sua época. Foi através dessa obra que os conceitos de ócio e consumo conspícuos disseminaram-se e passaram a fazer parte do jargão das ciências sociais. Segundo Veblen, caso haja uma categoria de indivíduos que deliberadamente abstêm-se do trabalho útil, a riqueza e o lazer não são desejados por si; o objetivo primeiro é a ostentação. A acumulação decorre cada vez menos da necessidade material e cada vez mais da busca de uma posição honorífica dentro da sociedade. O ócio conspícuo é definido como o tempo gasto em atividades que não visam à produção; é distinto, portanto, da inatividade. As classes ociosas têm suas

[1] Professor assistente do ICH- UFPel. Este *paper* se baseia, parcialmente, em Monasterio (1998, cap. 5).

atividades voltadas para as tarefas que de maneira conspícua evidenciam que seu praticante não está envolvido num trabalho produtivo.

Mas Veblen não se limita à mera descrição (nada isenta) do estilo de vida das classes ociosas. Ele percebe que esses princípios estiveram presentes ao longo da história das sociedades, mudando apenas de forma. É necessário elaborar uma teoria que explique tais fenômenos.

Na visão do autor, no início da evolução humana formaram-se dois instintos: o predatório e o de trabalho eficaz. Ao longo das etapas do desenvolvimento das sociedades surgiram instituições (entendidas como hábitos de pensamento dominantes) que têm em suas raízes tais instintos. Assim, a sociedade de sua época é caracterizada como sendo industrial-pecuniária. As instituições industriais são aquelas orientadas para a eficiência da produção e para a melhoria do bem-estar material. Em oposição, as instituições pecuniárias são derivadas do instinto predatório e estão construídas em torno das idéias da "comparação odiosa" e da isenção do trabalho útil. As lógicas desses dois tipos de instituição são notoriamente incompatíveis; boa parte da obra de Veblen é dedicada ao exame da tensão existente entre os hábitos de pensamento industriais e os pecuniários.

Apesar dos conceitos de ócio e de consumo conspícuos serem centrais na ATCO e os mais explorados pelos analistas da obra, esta não tem seu conteúdo exaurido em tal tema. Por sua riqueza de idéias, o livro, tal como o conjunto da obra de Veblen, cobre um amplo espectro de assuntos. Na verdade, a ATCO contém, ao menos em caráter embrionário, quase todos os pontos do pensamento vebleniano e não existem grandes mudanças teóricas entre os seus primeiros escritos e os derradeiros.

O objetivo deste trabalho é realçar a teoria vebleniana da conduta. A escolha do objeto justifica-se não só porque esse é um ponto pouco divulgado da obra de Veblen, como também por considerar-se que sua análise do comportamento humano consiste em uma das mais relevantes contribuições para a Teoria Econômica. Mesmo a teoria vebleniana guardando uma unicidade, conforme sustentou Anderson (1933), destacar-se-á apenas aquele ponto; omitindo, tanto o quanto possível, referências desnecessárias ao restante do seu pensamento. No que se refere às fontes, o trabalho tem ATCO como fio condutor, mas, quando houve pertinência, não se hesitou na utilização de outros livros do autor. As críticas ao *homo economicus* neoclássico são fundamentais para a compreensão da proposta vebleniana e ocupam a seção seguinte. Já na terceira seção, apresenta-se o '*homo veblenianus*' propriamente dito, discutindo-se como essa

concepção de agente relaciona-se com a sua abordagem hermenêutica. Em seguida, confronta-se a abordagem vebleniana com diversos conceitos de irracionalidade. Uma breve avaliação das potencialidades da teoria da conduta de Veblen para a teoria econômica contemporânea ocupa a seção conclusiva do trabalho.

2. CRÍTICAS AO *HOMO ECONOMICUS*

Quando Veblen não direcionava seus ataques à sociedade pecuniária, seu alvo era a teoria econômica tradicional. Em termos gerais, ele considera que a visão neoclássica do ser humano está baseada em princípios antropológicos e psicológicos já ultrapassados (1919, p. 73) [2]. Suas objeções diretas ao *homo economicus* neoclássico podem ser organizadas em quatro tópicos, a saber:

(a) Restrições quanto à eficiência da racionalidade. Veblen opõe-se à caracterização do indivíduo como um maximizador que faz cálculos hedonistas ininterruptos. Ele também critica a visão de que os indivíduos são perspicazes (*clearsighted*) e dotados de grande capacidade preditiva (*farsighted*) na apreciação antecipada dos prazeres (1919, p.235);

(b)Tal como os economistas austríacos, Veblen critica a postura passiva que o homem tem na concepção neoclássica. Na visão hedonista, a atividade humana é resultado da busca pela satisfação de desejos dados; o homem não faz o gesto inicial, apenas se ajusta de acordo com as forças que agem sobre ele. Já para Veblen, a ação é característica do homem, e deve ser tratada como o fato substancial do processo (1919, p.74; p.156-7 e 1934, p.80-1);

c) Ele combate também a idéia de imutabilidade do homem diante das pressões do ambiente. Na teoria neoclássica, o indivíduo não tem passado nem futuro; portanto, se uma força cessa de pressioná-lo, ele volta exatamente ao ponto de equilíbrio inicial (1919, p.73-74). Tem-se, assim, um indivíduo sem história pessoal, sem aprendizado;

d) Coerente com a abordagem institucional, Veblen considera inadequado para uma teoria da conduta humana considerar apenas as características

> individuais, mesmo que o propósito seja uma análise estática . Escreve o autor: "os fenômenos da vida humana ocorrem apenas como fenômenos da vida de um grupo ou comunidade". (1919, p. 242)

Estas características do *homo economicus* foram sintetizadas da seguinte forma pelo autor (1919, p.73):

> "A concepção hedonista do homem afirma que este é um calculador instantâneo de prazeres e sofrimentos, que oscila como um glóbulo homogêneo de desejo de felicidade sob o impulso de estímulos que o movem, mas deixam-o intacto. Ele é um isolado e definitivo *datum* humano, em equilíbrio estável exceto pelas 'bofetadas' (*buffets*) das forças impactantes que o movem em uma direção ou outra."

3. O HOMEM VEBLENIANO

3.1 Razão suficiente e causa eficiente

Para uma compreensão adequada da visão vebleniana acerca da racionalidade e do comportamento humano, faz-se mister apresentar o que ele denomina "dois fundamentos básicos do conhecimento teórico": a razão suficiente (*sufficient reason*) e causa eficiente (*efficient cause*) .

A razão suficiente trata de como o futuro determina o curso presente dos acontecimentos. Se forem omitidos os fenômenos místicos, a única forma possível para que tal relação se efetive é através da presença de um agente inteligente que antecipe as conseqüências de suas ações correntes (1919, p. 237). É neste sentido que os eventos futuros guiam o comportamento presente.

Veblen deixa claro que a ação individual dirige-se a certos objetivos; os homens sempre buscam fazer algo. Daí sua afirmação que as ações econômicas são teleológicas, pois os agentes sempre buscam a ação (1919, p. 75). Considerando que a Economia trata da conduta humana, e essa enfoca agentes capazes de refletirem, Veblen concluiu que qualquer teoria econômica, hedonista ou não, tem que atentar para a relação de razão suficiente em certo grau (1919, p. 238). A economia neoclássica, por força de seus postulados, caracteriza-se por só ser capaz de lidar com as ações humanas enquanto restrita "em termos racionalistas e teleológicos de cálculo e escolha"(1919, p. 239).

[2] Curiosamente, segundo Aspromourgos (1986), Veblen foi quem primeiro cunhou o termo 'neoclássico' ao referir-se à obra de Alfred Marshall.

Ainda na perspectiva do autor, a teoria econômica tem atentado apenas à razão suficiente, mas uma compreensão adequada da conduta humana deve incluir as relações de causa e efeito, isto é, de causa eficiente.

A relação de causa eficiente, em oposição à razão suficiente, caracteriza-se por ser impessoal, objetiva e determinística. Para Veblen, a ciência moderna põe essa relação como seu princípio fundamental, e as ciências humanas deveriam fazer o mesmo, aceitando as relações de razão suficiente apenas de forma subsidiária, subordinado-as aos argumentos formulados nos termos da causa eficiente (1919, p. 238). O conceito de causa eficiente está associado às relações de causa e efeito, onde não há espaço para a reflexão por parte do agente. O comportamento habitual caracteriza-se exatamente por não levar em conta os resultados das ações, sendo, neste sentido, não- teleológico. Daí a afirmação de Veblen que as relações de causa eficiente também participam da conduta humana sob a forma de hábitos e de exigências convencionais (1919, p.239).

O autor ressalta que entre a razão suficiente e a causa eficiente não há transição, tampouco maneira de converter os resultados ou procedimentos de um método nos termos do outro. Isso significa que não se pode reduzir a faceta habitual, institucional, do comportamento humano ao cálculo hedonista e vice-versa, posto que ambos repousam em princípios distintos (1919, p.237).

Veblen afirma que estes hábitos de pensamento (ou instituições quando disseminados pela sociedade) guardam relação apenas com a causa eficiente. Isto se explica, pois, mesmo que a reflexão do indivíduo esteja, em algum grau, envolvida nos hábitos de pensamento, ela dá-se de forma habitual. A relação de razão suficiente é identificada com atividades deliberadamente racionais, em que o agente está envolvido no cálculo hedonista.

Pelo exposto, depreende-se que, na abordagem vebleniana, uma análise adequada do comportamento humano deve incorporar estas duas formas de relação: razão suficiente e causa eficiente. Em sentido equivalente, isso significa afirmar que a conduta humana é motivada por fatores racionais e habituais, conjuntamente. Uma citação de Veblen corrobora com essa idéia; após afirmar que a economia neoclássica lida apenas com os aspectos racionais, ele escreve (1919, p. 239; grifo meu, ver também 1919, p. 441):

> "Mas é ao mesmo tempo não menos verdade que a conduta humana, econômica ou não, é sujeita a uma seqüência de causa e efeito, através de elementos como a habituação e exigências convencionais."

Dentro dessa concepção de Homem, os elementos que o compõe (instintos, hábitos e racionalidade) estão interligados. Como se pode ver no trecho reproduzido abaixo, o autor reitera que os indivíduos não são escravos perfeitamente obedientes de seus hábitos e instintos, posto que são capazes de refletir acerca desses:

> "Como outros animais, o homem é um agente que age em resposta a estímulos produzidos pelo ambiente em que vive. Como outras espécies, ele é uma criatura de hábitos e propensões. Mas, em grau mais elevado que as outras espécies, os homem medita sobre o conteúdo dos hábitos que o guiam, e avalia a tendência desses hábitos e propensões. Ele é notavelmente um agente inteligente. Por necessidade seletiva ele é dotado com uma inclinação para as ações intencionais." (1934, p.80)[3]

3.2 As instituições e a racionalidade

Na abordagem vebleniana a influência das instituições sobre o comportamento individual ocorre por dois canais: impondo normas sociais que restringem sua conduta, e agindo sobre os desejos dos agentes. Veblen sustenta que as instituições têm um papel coercitivo na conduta dos indivíduos. O agente, ao buscar a aceitação do grupo social em que está inserido, tem seu comportamento restringido pelas normas em vigor.

A existência de instituições que são externas ao indivíduo, no sentido de que são impostas pela sociedade, dificulta a construção de uma teoria da conduta que leve em conta apenas os indivíduos isoladamente. Portanto, o reconhecimento da importância dessas instituições no comportamento acha-se intimamente conectado com a crítica vebleniana (d), supracitada (1919, p.242-243).

No âmbito da teoria neoclássica, a escala de preferência dos agentes é dada de forma exógena, não constituindo um objeto de análise da Ciência Econômica. Soma-se a esse princípio, expresso no lema "*De gustibus non est disputandum*", a hipótese de imutabilidade das preferências (ao menos durante o período considerado). Veblen, por sua vez, afirma que, do ponto de vista individual, os desejos de cada agente são o resultado de suas características inatas e da sua experiência vital que se realizam dentro

[3] Veblen pode ser considerado um precursor e até adepto da racionalidade procedimental (procedural rationality), visto que os seguidores deste última também criticam os postulados da racionalidade instrumental, e destacam a importância das instituições na conduta humana. A primeira indicação de semelhança entre as abordagens de Veblen e de Herbert Simon foi feita por Kenneth Arrow, de forma passageira, em 1973. Neste artigo, Arrow atribui a Veblen a introdução das questões acerca das limitações computacionais e do papel dos hábitos no processo decisório individual.

de uma malha institucional e de circunstâncias materiais (1919, p.74). Vale atentar para o fato de que as instituições, qualquer que seja o sentido adotado, não são neutras quanto à formação das preferências; elas influenciam a formação dos desejos dos indivíduos.

Em outros termos, pode-se afirmar que as instituições estariam como que se internalizando, à medida que forjam as preferências individuais. A relação entre as instituições e a racionalidade efetiva-se, desta maneira, não só através das restrições impostas pelas normas sociais, mas também mediante esse mecanismo de internalização.

A hipótese de endogeneidade das preferências aumenta ainda mais a pretensão da abordagem econômica proposta por Veblen. A intenção é abrir a caixa-preta das preferências neoclássicas. Ou seja, os desejos dos indivíduos deixam de ser dados pois, ao contrário do que assume a teoria neoclássica, abre-se a possibilidade de entendimento da formação e evolução das preferências.

A endogeneidade das preferências individuais traz conseqüências, também, para a análise do funcionamento e evolução do sistema econômico como um todo. “A invenção é mãe da necessidade”, escreveu Veblen (1914, p. 315). Esta inversão do dito popular indica um ponto que foi explorado pelos seguidores da tradição institucionalista, qual seja: a possibilidade de moldagem das preferências dos indivíduos pelo sistema econômico. John Kenneth Galbraith (1982; para um resumo ver Galbraith, 1971) aprofundou esse ponto, denominando “efeito dependência” a idéia de que, na “sociedade afluente”, o próprio processo de produção de mercadorias forja as preferências de consumo através da emulação e da propaganda. Desta maneira, os desejos são dependentes da produção.

Como se vê, ao asseverar a influência das instituições sobre os desejos e as normas sociais, Veblen distancia-se ainda mais da abordagem neoclássica. Além de contrapor-se à estabilidade das preferências, e à sua exogeneidade, o autor critica a possibilidade da teoria econômica tratar apenas do indivíduo, isolando-o da sociedade em que está inserido.

3.3 A Metodologia Interpretativa e a Racionalidade

Nas seções anteriores objetivou-se apresentar a visão de Veblen acerca da racionalidade, preservando, quando possível, o jargão típico da teoria da escolha racional (preferências, escolhas, etc…). No entanto, para que seja compreendida a forma pela qual a racionalidade está inserida no pensamento vebleniano, uma terminologia distinta será mais conveniente neste momento. Esta seção pretende mostrar que a noção de racionalidade na obra de Veblen está associada à sua teoria interpretativa de forma inseparável.

Uma boa parte da produção intelectual de Veblen pode ser classificada, metodologicamente, como teoria interpretativa. De acordo com Little (1991, p. 68), esse tipo de abordagem valoriza a compreensão dos fenômenos sociais em relação à sua explicação. A base desta distinção é a seguinte: a compreensão visa à reconstrução do significado de um evento ou prática em um contexto social específico; a explicação, por sua vez, envolve a identificação das causas gerais de um evento. Este método é dito hermenêutico, pois trata os "fenômenos sociais como um texto a ser decodificado através da reconstrução imaginativa do significado dos vários elementos da ação e dos eventos sociais" (Little, 1991, p. 68).

De acordo com as teorias interpretativas, os indivíduos agem com base na compreensão que possuem de si e do mundo; isto inclui, ainda segundo Little (1991, p. 69), um conjunto de valores e objetivos que caracterizam seus desejos, as normas de comportamento, uma concepção de suas capacidades e das ações individuais. Assim, afirmam as teorias interpretativas: "Toda ação humana é mediada por uma visão de mundo social subjetiva" (Little, 1991, p. 85).

Já no seminal ensaio "*The Economics of Women's Dress*" (1934, p. 65-77), Veblen adota a prática hermenêutica de analisar "comportamentos cotidianos como se estivesse elaborando um relatório etnográfico do comportamento de uma tribo estrangeira" (Mirowski, 1987). Mas é em ATCO que o "antropólogo Veblen" analisa a sociedade pecuniária, buscando compreender a origem e o significado de seus símbolos de status. Nessa obra a abordagem hermenêutica está mais pronunciada e uma das suas proposições centrais é de que os princípios da sociedade pecuniária alteram o significado e o conteúdo das atividades humanas. Além disso, conforme aponta Mirowski (1987, p. 1025), o fenômeno do consumo conspícuo indica que devem ser consideradas as questões interpretativas e intencionais dos agentes, que vão além do

pressuposto de auto-interesse. Para Veblen, o consumo é uma atividade carregada de significado, que pode ser compreendida ao se atentar para as instituições vigentes em cada sociedade específica.

O fato é que a abordagem interpretativa que Veblen utiliza em suas obras está embasada, ou mesmo decorre, de uma visão da cultura como sistema hermenêutico, na forma apontada por Jennings e Waller (1994, p.108-110). Nesses sistemas "inexistem termos disconectos, exógenos ou supra-sistêmicos, e todos os termos no processo cultural tomam seu significado e ímpeto original do próprio processo"(1994, p.109).

Na visão de Veblen, as instituições econômicas não constituem uma esfera distinta das atividades humanas, mas são apenas uma das partes do tecido institucional. Ele deixa claro que, também para o indivíduo, " …o interesse econômico não está isolado, nem é distinto de todos os demais interesses" (ATCO, p.114). Em suma, a economia só pode ser compreendida com uma atenção ao todo cultural, visto que lhe é indissociável. Na medida que a teoria da conduta de Veblen adota uma abordagem da racionalidade que inclui a atenção às instituições, a abordagem hermenêutica passa a ser uma decorrência, já que é necessário compreender a visão de mundo dos agentes enquanto esses exercem sua capacidade deliberativa.

Vale transcrever um trecho de Jennings e Waller (1994, p.109-110) no qual se sintetiza as idéias supracitadas, ao mesmo tempo em que se corrobora a postura adotada neste trabalho quanto ao papel da racionalidade e dos hábitos na teoria da conduta:

> "Veblen compreendeu (os seres humanos) como produtos e produtores de cultura, simultaneamente; seu comportamento é não só habitual mas também intencional. Apesar de baseadas em um complexo de hábitos e circunstâncias que lhes dão significado, as ações são também dirigidas para a mudança de alguma espécie."

Em síntese, Veblen busca compreender o significado das atividades e instituições econômicas sem perder de vista o todo cultural em que essas se inserem, e onde os agentes exercitam sua racionalidade. Assim, percebe-se como a racionalidade dos agentes, a metodologia interpretativa e a visão da cultura enquanto sistema hermenêutico estão amalgamados em sua obra.

4. VEBLEN E A IRRACIONALIDADE

A abordagem vebleniana da conduta mostra sua força de forma mais evidente em alguns comportamentos que a teoria econômica tradicional é incapaz de explicar.

Por exemplo, o apego ao dinheiro pelo dinheiro, considerado mesmo por Keynes uma "morbidade um pouco fastidiosa, uma dessas tendências semicriminosas, semipatológicas que se costumam confiar com arrepios a especialistas em doenças mentais" (1930, p. 157), é entendido como uma das formas através da qual o instinto predatório realiza-se na sociedade pecuniária. Veblen percebe que, para os adeptos da utilidade marginal, a compreensão das instituições pecuniárias torna-se um problema, na medida em que seus pressupostos não comportam o questionamento da origem e dos efeitos na vida econômica de tais hábitos de pensamento. Os comportamentos que não podem ser reduzidos aos "termos diretos e inequívocos do cálculo hedonista racional" são tratados como "aberrações devido a enganos ou lapsos de memória por parte dos homens de negócio, ou a algum fracasso lógico, ou de discernimento" (1919, p. 249-250).

Deve-se saber de antemão que Veblen, mesmo não tendo se manifestado explicitamente, não é um irracionalista no sentido filosófico do termo. Isto é, ao longo de seus escritos, ele parece crer na razão enquanto autoridade epistemológica suprema. Tratar-se-á aqui do irracionalismo psicológico, sem que se faça maiores referências ao irracionalismo filosófico, a despeito do reconhecimento da existência de conexões entre ambas as idéias (ver Hodgson, 1988, p. 301 e Villar, 1987).

O irracionalismo psicológico, segundo uma abordagem freudiana, sustenta que "é patente a existência do irracional dentro do psíquico" e que "sob uma fina camada de juízos e raciocínios, flui um mundo de instintos, afetos e imagens incoerentes" (Villar, 1987, p.643). Ainda nesta visão, a conduta humana deixa de ser vista como um "encadeamento governado pela racionalidade", já que as idéias não conscientes em conflito (em termos emocionais) dominam a esfera consciente (Seminério, 1987, p.584).

Diversos autores apontaram paralelos entre as idéias de Freud e as de Veblen[4]. Schneider (1948) elaborou um extenso estudo no qual são comparadas as obras do autor da *Interpretação dos Sonhos* e a teoria social de Veblen em termos de Psicologia Social. Rosemberg (1956, p. 77) apenas aponta algumas similaridades. Zajdsznajder (1980) afirma que Veblen foi apontado como precursor de Freud, mas, como ele próprio sustenta, esse fato "pode ter significação para a psicanálise, mas nenhuma para a

[4] Só foi encontrada uma referência a Freud na obra de Veblen. Tratando da formação das fronteiras nacionais e dos aspectos metafísicos da noção de soberania, este escreve: "Os Freudianos presumivelmente considerariam esta (a soberania) um complexo de inferioridade em favor do clero"(1923, p.26).

economia" (1980, p. 94)[5]. De acordo com a análise de Dyer (1984, p. 557), ambos autores têm interesse pelos paradoxos do comportamento humano; Freud tê-los-ia buscado no âmbito da psicologia individual, enquanto Veblen identificou-os na esfera social. O livro de John Gambs (1959) aproxima esta discussão da esfera econômica, e constitui o ponto de partida para a análise que se segue.

Gambs (1959, p. 132) sustenta que: "Veblen…criou um homem econômico com um comportamento sutil e tortuoso - homem este que rivaliza com as criações de Freud, Jung e Adler". Mais adiante, ele afirma que para os economistas dissidentes, (dentre os quais Veblen seria o melhor exemplo), a "parte racional do homem é como a parte pequena e invisível de um *iceberg*, enquanto a parte irracional é como a base submersa do *iceberg*, isto é, muitas vezes maior". A comparação com os precursores da teoria da psicanalítica beira o exagero, posto que Veblen, ao contrário dos autores citados, não criou uma obra inteiramente dedicada à compreensão da psique. No entanto, o restante dos trechos citados são válidos, basta que se veja a concepção de homem em Veblen mais de perto.

O homem vebleniano tem um grau de complexidade bem maior que o seu correspondente neoclássico. Ao invés de uma escala de preferências, ele possui, ou melhor, é possuído por propensões instintivas contraditórias; os objetivos sugeridos pelo instinto predatório e de trabalho eficaz estão em patente conflito. Esta incompatibilidade dos desejos aponta para a existência de uma irracionalidade estrutural nos indivíduos, segundo Schneider (1948, p. 112). Para Veblen, tal como na visão de Freud, estes conflitos internos não se mostram para a consciência dos indivíduos, e as ações seriam um fenômeno superficial influenciado por esses processos ocultos. Tais atos têm de ser mediados por algum esquema teórico para que adquiram significado; por si só, eles pouco informam acerca dos objetivos últimos dos agentes.

Assim, para compreender a conduta humana urge uma abordagem que, além de interpretativa, penetre na mente buscando suas motivações mais profundas, inconscientes. Obviamente, a forma para se alcançar esta meta é distinta para Freud e Veblen. Enquanto a teoria freudiana vale-se das técnicas psicanalíticas para explorar o inconsciente através de seus produtos irracionais (sonhos, atos falhos, fantasias,

[5] Este artigo tem ainda a originalidade de apontar as semelhanças entre Veblen e Nietszche, e conclui que: "Talvez não fosse excessivo dizer que 'A Teoria da Classe Ociosa' constitui uma elaboração da 'Genealogia da Moral' no terreno econômico." (Zajdsznajder, 1980, p.94).

sintomas neuróticos, etc…), Veblen se utiliza basicamente da Antropologia para trazer à tona a parte submersa do *iceberg*.

Além da irracionalidade decorrente diretamente dos instintos, também as instituições, por sua defasagem insuperável, ou por decorrerem de instintos contraditórios, contribuem para tornar mais complexo o homem vebleniano[6]. Objetivos sugeridos pelas malhas institucionais podem ser incompatíveis com as exigências materiais correntes, e/ou serem contraditórios entre si, criando assim uma tensão inconsciente no indivíduo.

Poder-se-ía dizer que a irracionalidade psicológica individual mostra-se também na esfera social. A sociedade industrial-pecuniária possui dois objetivos, por vezes conflitantes: fazer dinheiro e produzir bens. A "sabotagem" efetuada pelos homens de negócios que Veblen denunciou reflete o conflito entre as instituições pecuniárias e industriais. O resultado é um sistema irracional, no sentido de pouco eficiente. Na interpretação de Gambs (1959, p.155), para Veblen a principal dificuldade em se superar esta ineficiência sistêmica " parece residir no próprio homem … quer por causa dos seus próprios instintos, quer devido a civilização à qual ele pertence e se adapta, quer, ainda, a uma mistura repugnante das duas coisas".

Por fim, vale explicitar dois pontos referentes às questões-chave desta seção. Primeiro: o irracionalismo psicológico que se atribui à obra de Veblen não resulta na incapacidade de compreensão da conduta individual. Muito pelo contrário, o que ele sugere é a possibilidade de entendimento das atividades humanas a fundo, sem que se limite o escopo de análise às preferências. E, em segundo lugar, qualquer teoria que assevere a existência de motivações inconscientes, e/ou que afirme o papel motivacional das normas, não nega necessariamente a capacidade deliberativa dos agentes. Com efeito, a ênfase na racionalidade talvez distinga Veblen das abordagens que afirmam que somos inteiramente escravos de obscuros mecanismos inconscientes.

[6] Essa questão é desenvolvida em Monasterio (1988, cap. 6)

5. CONCLUSÃO

Os serviços prestados pelo *homo economicus* não devem ser desconsiderados. Tanto do ponto de vista teórico quanto moral, o desenvolvimento desse conceito foi revolucionário e é indissociável da história da idéias. Mais recentemente, contudo, o axioma da racionalidade instrumental parece ter entrado em rendimentos decrescentes e mesmo no *mainstream* percebe-se certa insatisfação com o *homo economicus*. Aqueles mais insistentes que, à moda de Gary Becker, tentam aplicá-lo a toda esfera do comportamento, não conseguem chegar a resultados interessantes sem a intromissão de desconfortáveis hipóteses *ad hoc*. Por outro lado, muito adeptos *da New Institutional Economics*, como Douglass North (1990), convenceram-se da insuficiência da abordagem neoclássica da ação humana e buscam alternativas.

As formulações dos conceitos de racionalidade restrita e procedimental foram passos interessantes que propiciaram uma melhor compreensão de toda uma gama de fenômenos econômicos. Mas será esse o melhor caminho da ciência econômica? Uma retomada da obra de Veblen, conforme sugeriu-se neste trabalho, pode ser um bom ponto de partida para uma renovação teórica. Existem aquelas questões que já foram incorporadas pela Economia, como a questão dos limites da racionalidade instrumental e da importância dos hábitos. Na atualidade, as contribuições veblenianas que parecem mais relevantes são as que tratam das relações entre a cultura – vista como um sistema hermenêutico – e a racionalidade. A pesquisa nesse sentido permitirá que se desvende as motivações mais profundas dos agentes e, portanto, contribuirá para o desenvolvimento da teoria econômica em bases bem mais sólidas do que as presentes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Karl. The unity of Veblen's theoretical system. *Quaterly Journal of Economics*, vol. 47, n.4, p.598-626, Aug. 1933.

ARROW, Kenneth J. Thorstein Veblen as an economic theorist. *American Economist*, v. 19, n.1, p. 5-9, Spring 1975.

ASPROMOURGOS, Tony. On the origins of the term "neoclassical". *Cambridge Journal of Economics*, v.10, n.3, p.265-270, Sept. 1986.

DYER, Alan W. The habit of work: a theoretical exploration. *Journal of Economic Issues*, v. 18, n.2, p. 557-564, June 1984.

GALBRAITH, John Kenneth. *A sociedade afluente.* São Paulo: Pioneira, 1982.

____. Consumer behavior and the dependence effect. In: MANSFIELD (ed.). *Microeconomics: Selected Readings*. New York: Norton, 1975. p. 3-7.

GAMBS, John S. *Iniciação simples à economia: o homem, o dinheiro e os bens de consumo.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

HODGSON, Geoffrey M. *Economics and institutions: A manifesto for a modern institutional economics.* Philadelphia: University of Pennsylvania, 1988.

HODGSON, Geoffrey; SAMUELS, Warren J.; TOOL, Marc R. ed. *The elgar companion to institutional and evolutionary economics.* Aldershot: Edward Elgar, 1994.

JENNINGS, Ann L., WALLER, William. Cultural hermeneutics and evolutionary economics. In: HODGSON, Geoffrey. M. SAMUELS, Warren J.; TOOL, Marc R. (ed.), *The Elgar Companion to institutional and evolutionary economics*. Aldershot: Edward Elgar, 1994. v.1 p.108-114.

KEYNES, John Maynard. As possibilidades econômicas de nossos netos. In: SZMRECSANYI, TAMAS (org.). *Keynes.* São Paulo: Ática, 1985. (1ª publicação em 1930)

LITTLE, Daniel. *Varieties of social science explanation: an introduction to the philosophy of social science.* Oxford: Westview, 1991.

MARSHALL, Alfred. *Princípios de economia: tratado introdutório.* São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MONASTERIO, Leonardo. Guia para Veblen: um estudo acerca da Economia Evolucionária. Pelotas: EDUFPEL, 1998.

MIROWSKI, Phiilip. The philosophical bases of institutional economics. *Journal of Economic Issues*, v. 21, n.3, p. 1001-1037, Sept. 1987.

NORTH, Douglass. Institutions, institutional change and economic performance. Cambridge: Cambridge University, 1990.

ROSEMBERG, Bernard. *The values of Veblen: a critical appraisal.* Washigton D.C.: Public Affair Press, 1956.

SCHNEIDER, Louis. *The freudian social theory and Veblen's social theory*. New York: King's Crow Press, 1948.

SEMINÉRIO, Maria Luiza T. A. Inconsciente. In: *Dicionário de Ciências Sociais/ Fundação Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p.584-585

VEBLEN, Thorstein B. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.* São Paulo: Pioneira, 1965. (1a. ed. 1899)

____. *The instict of workmanship and the state of industrial arts.* New York: Viking Press, reimp. 1937. (1a. ed. 1914)

____. *The place of science in modern civilisation an other essays*. New York: Viking, 1952. (1 a. ed. 1919)

____. *Absentee ownership and business enterprise in recent times: the case of America.* Inclui uma introdução de LEKACHMAN, R. Boston: Beacon Press, reimp. 1967. (1a. ed. 1923)

____. *Essays in our changing order*. New York: Augustus M. Kelley, reimp. 1964. (1a. ed. 1934)

VILLAR, Alfonso Álvarez. Irracionalismo. In: *Dicionário de Ciências Sociais/ Fundação Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p.642-643.

WALKER, Donald A. Thorstein Veblen's economic system. In: *Institutional Economics*. Aldershot: Edward Elgar, 1988. v.1 p. 153-177.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. A economia institucional de Thorstein Veblen. *Revista de Administração Pública*. v. 14, n. 1, p. 79-101, Jan/Mar 1980.